

## FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

## Seminário | APRE(E)NDER A PAISAGEM: PERCEÇÕES PLURIDISCIPLINARES

**14 de Dezembro****Anfiteatro Nobre****09h00****Entrada livre**

*'Apre(e)nder a Paisagem: percepções pluridisciplinares'*, é um seminário que pretende abordar os temas da Paisagem e do Património cultural numa perspetiva diacrónica e pluridisciplinar, destacando o papel ativo que assumem na construção e consolidação de identidades, a variadas escalas. Abordando a Paisagem na sua dimensão espacial e temporal, elemento inerente ao habitar, pretende-se discutir diferentes conceitos que com ela se relacionam: o território, o ambiente, o lugar.

O conceito Paisagem está intrinsecamente ligado à ação, ao movimento, à percepção e aos sentidos, tendendo a sua definição a ser ajustada consoante os contextos ou disciplinas. Elemento permanente entre nós e o Outro do Passado, as transformações (físicas e conceptuais) de que foi sendo alvo ao longo do tempo fazem da Paisagem um palimpsesto de experiências diversas que importa explorar. Procurando ultrapassar a dicotomia amplamente difundida entre natureza e cultura, pretendemos refletir sobre a diversidade de práticas sociais inerentes à construção da Paisagem desde a Pré-história à Contemporaneidade, convocando diferentes olhares.

**09h00 – Apresentação do Seminário por Helena Barbosa e João Duarte****10h00 – Paulo Farinha Marques | Paisagem: percepção e vivência.****11h00 - Intervalo****11h15 – André Tomás Santos | Da unidade gráfica à ontologia que lhe subjaz. Arte rupestre, contexto e paisagem no Vale do Côa durante o Paleolítico superior****12h15 – Debate****13h00 – Encerramento**

## Paulo Farinha Marques

### **Paisagem: percepção e vivência.**

Tal como entendo paisagem é simultaneamente um fenómeno de percepção e vivência que existe pela relação que se estabelece entre um sujeito e um objeto.

É uma realidade concreta, biofísica, que desencadeia naqueles que a vivenciam sensações e sentimentos de variada índole, que guiam o nosso dia a dia e a sua apreciação.

A entidade corpórea, o espaço, contém e emana uma multiplicidade de acontecimentos, dinâmica e informação que permanentemente captamos e experimentamos através de todos os nossos sentidos, tato, visão, audição, olfato e paladar. Sentimos e vivemos em cada espaço, em todos os tempos, o funcionamento e os fenómenos que estes sentidos abrangem, a informação que constantemente estes sentidos captam e que os cérebros processam e avaliam. A atualidade parece sugerir que o sentido da visão é o dominante, mais potente, revelatório, abrangente e multifacetado. Olhar e ver informação é recolher analisar e interpretar conjuntos de dados que fazem sentido e participam num contexto sistémico e holístico que caracteriza a existência.

Com o meu corpo, direta ou indiretamente toco o espaço e os seus conjuntos; vejo, cheiro, ouço, degusto; assim sei que existo, que gosto ou desgosto; avalio possibilidades e tomo decisões. Conheço.

Quanto mais souber dos conteúdos do espaço e da sua expressão sensorial imediata, mais fortemente o vivencio e me posiciono perante as momentâneas e constantemente mutáveis oportunidades e constrangimentos. Este é o sentido mais prosaico da consciência existencial e paisagem é o termo que revela o carácter mais expedito e sintético dessa compreensão.

É este conceito, este corpo, este espaço, esta percepção, esta vivência, que distingue o ser do não ser; esta pele que revela o funcionamento e a profundidade dos corpos; esta informação que todos captamos e na qual habitamos; esta fisionomia de tudo que ratifica a nossa pertença ao momento, ao lugar e à vida...

... conversemos então mais sobre isto, pois somos todos paisagistas.

**Paulo Farinha Marques** | Professor Associado do Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Tem como principais áreas de interesse a organização e desenho a várias escalas de espaços exteriores de acesso público (matas, parques, jardins, praças, largos, ruas, espaços verdes associados a urbanizações, espaços verdes associados a áreas industriais); planeamento e projeto de infraestruturas verdes; planeamento, desenho e gestão de vegetação em espaço urbano e na paisagem; conhecimento e identificação de vegetação na paisagem; caracterização e avaliação da qualidade visual da paisagem; biodiversidade nos espaços verdes urbanos; arquitetura vernácula.

André Tomás Santos

### **Da unidade gráfica à ontologia que lhe subjaz. Arte rupestre, contexto e paisagem no Vale do Côa durante o Paleolítico superior**

Nesta apresentação procuraremos demonstrar como as metodologias e estratégias por nós adoptadas no estudo da arte rupestre paleolítica do Vale do Côa permitiram levantar a hipótese de que a generalidade desta produção artística se deu num contexto ontológico que, à luz dos trabalhos de Descola, se deve classificar como totémico. O final do ciclo pleistocénico da arte do Côa, apresenta, por outro lado, características que nos parecem mais próprias de uma ontologia animista, o que se poderá ligar com as alterações a que as comunidades deste período se viram forçadas a adoptar devido às alterações paleoambientais do final do Tardiglacial. As nossas inferências relativamente à identificação das ontologias destas comunidades não tiveram como argumentário exclusivo a caracterização geral da arte paleolítica (que, em si, nos parece já apontar para aquela ontologia), mas também os padrões que dela se extraem ao nível das composições e da sua distribuição na paisagem. Estes padrões só foram passíveis de serem identificados porque, por um lado, definimos uma área de estudo que nos pareceu dispor de significado arqueológico, e porque, por outro lado, procurámos precisar a sequência cronoestilística da arte da região de forma a procurar padrões em conjuntos artísticos compostos por produções *grosso modo* contemporâneas entre si.

**André Tomás Santos** | Investigador da Fundação Côa Parque e da UNIARQ (FLUL) e membro do Projeto Palæocoa, é doutorado em Arqueologia pela FLUP e vencedor do Prémio de Arqueologia Eduardo da Cunha Serrão de 2018. A sua investigação centra-se no estudo da arte pré-histórica, tendo-se debruçado sobre a arte esquemática gravada da Pré-história recente peninsular, a arte megalítica e mais recentemente a arte paleolítica. Esta investigação tem sido levada a cabo essencialmente na Beira Alta e no Vale do Côa. Tem desenvolvido trabalhos em outras áreas de estudo da Pré-história, destacando-se ultimamente os que se debruçam sobre o Paleolítico superior. Interessam-lhe sobretudo as questões ligadas à estruturação das artes pré-históricas, sobretudo no que diz respeito à possibilidade do seu estudo integrado com o dos restantes vestígios arqueológicos coevos poder fornecer pistas sobre os contextos sociais e ideológicos dos quais emergiram as diversas produções artísticas pré-históricas.

**ORGANIZAÇÃO:**

Doutoramento em Estudos do Património | DCTP

CITCEM – FLUP

GI: TIH – Património Material e Imaterial | GI: TL - Territórios e Paisagens

**COMISSÃO CIENTÍFICA:**

Lúcia Rosas

Maria de Jesus Sanches

**COMISSÃO ORGANIZADORA:**

Helena Barbosa

João Duarte

**SECRETARIADO:**

Marlene Cruz

Vanessa Sousa